

Falando Sério

Dívida Externa

As negociações entre o governo brasileiro e o Comitê de Bancos Credores continuam a evoluir, com contrapropostas de parte a parte em torno dos números da dívida externa. O ponto mais polêmico é a questão do pagamento dos US\$ 8 bilhões de juros atrasados. O governo quer pagar o mínimo, no maior prazo possível; os bancos querem receber o máximo, no mínimo de tempo possível.

O Brasil está demonstrando gosto pelo entendimento, não fugindo ao exame das novas propostas apresentadas pelos integrantes do Comitê. Depois da primeira carta posta na mesa, com o desenho de uma nova, responsável e definitiva renegociação envolvendo o pagamento completo da dívida, em horizonte definido, incluindo os juros e o principal, os negociadores brasileiros já fizeram novos lances.

Em aproximações sucessivas sairá o acordo. É a essência de qualquer negociação. Por isso mesmo, já era tempo de que os representantes dos 22 bancos credores, que integram o Comitê, mudassem o tom de suas declarações, intercalando um "não é sério" com um "não dá para começar", a cada posição apresentada pelos negociadores brasileiros.

Se o Brasil não fosse um país sério, não estaria fazendo a primeira proposta efetiva de pagamento da dívida externa entre os devedores do Terceiro Mundo. Do mesmo modo, não estaria fazendo um duríssimo programa de ajustamento das finanças públicas para zerar o déficit público e corrigindo

os problemas estruturais de uma economia que ficou mais de 30 anos fechada em si mesma.

O Brasil passou os últimos oito anos fazendo pesadíssimos sacrifícios internos para servir à dívida. Nos dois últimos anos, o país pagou aos bancos mais de US\$ 35 bilhões em juros. A geração de altos superávits comerciais, no entanto, não resolveu os problemas do país. Ao contrário: agravaram o déficit do setor público, responsável hoje por 90% da dívida externa, e criaram a maior inflação da história.

Com a economia altamente distorcida no seu funcionamento, o Brasil atravessou os anos 80 com forte concentração de renda. A continuação desse quadro é incompatível com uma economia que se pretende aberta e inserida no padrão do Primeiro Mundo. É, portanto, indispensável que os banqueiros deixem de raciocinar como guardiões dos livros-caixa de suas instituições e pensem um pouco mais largo.

Seria muito pedir um mínimo de sensibilidade política a funcionários cujas carreiras progrediram graças aos altos lucros que proporcionaram a suas instituições na reciclagem dos petrodólares entre 1974 e 1982? Banqueiros e gerentes precisam saber tratar bem os clientes. E a melhor maneira de fazer isso é dar condições de prosperidade, pois os bancos são instituições que ganham dinheiro com mais segurança quando seus clientes vão bem e podem recorrer a empréstimos para planos de expansão. Países não são muito diferentes.